

Candinho

JORRUAN SILVA DE ALMEIDA

intransitiva
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

Candinho

Jorruan Silva de Almeida

O que devo fazer? Desço ou não? – quando recebi a mensagem no *Whatsapp*, logo os pensamentos invadiram-me como as melodias musicais das quais não se pode escapar. Candinho me chamara para a feira. Lá fora, o sol anunciava o inverno, enquanto do lado de dentro a ansiedade aquecia minha derme formando pequenas gotículas de suor. Deixei-me levar pelas emoções, afinal de que me adiantaria negar o convite? Em breve ele estaria indo para Europa e não nos veríamos novamente. Não havia motivo para guardar mágoas, sei que tínhamos brigado e nossa relação – ou melhor, amizade, não sei mais – estava desgastada. Desci.

A feira estava lotada. Apesar de inverno, o sol era capaz de calcinar minha pele. Os gritos atravessavam aquele corredor apertado formado no meio da rua. As mãos das pessoas agitavam-se num movimento frenético, bem como seus olhos caminhavam em busca de uma boa oferta. Levavam à boca frutas, sucos e pastéis. Era interessante observar a beleza da desordem carioca. Avistei-o. Era inevitável: meus olhos brilhavam ao



vê-lo, meu sorriso escancarava minha firme vulnerabilidade. Candinho era como o sol que conseguia queimar minha derme, obrigando-me em dias mais quentes a procurar uma sombra, assim como me proporcionar os momentos mais sublimes de contemplação, fazendo-me desejar mais dias de verão.

Saborear os pastéis de feira em sua companhia era como ouvir Piazzolla tateando seu bandonéon. Enquanto ríamos como adolescentes, minha carne regozijava. Lembro-me que após aquela esbórnica a dois, dirigi minha camada corpórea à academia na possibilidade de refrear minha exaltação. No entanto, lá estava eu de volta ao objeto que me arrebatava. Adormecemos, ali mesmo, no sofá. Acordei com Candinho abraçado a mim. Seus volumosos lábios quase tocavam os meus, conduzindo-me a uma combustão de desejo. Minha vontade naquele momento era beijá-lo, mas tudo que eu conseguia fazer era olhar para aquele homem de um metro e oitenta e quatro apoiando a cabeça em meu braço, já dormente. Apesar de admirá-lo, como pesava o bichinho. Era lindo! Eu o achava lindo... Como as camélias e suas várias camadas florescendo no outono.

O anoitecer chegara com uma brisa gostosa que só aquele clima da cidade pudera oferecer. O céu estava estrelado e cristalino como as águas quentes do mar. Fomos ao supermercado, compramos uns vinhos e fumamos um... Nossos corpos movimentavam-se ao som de *Trip* de Ella Mai. Nada mais apropriado, afinal não passávamos de um clichê. Vinhos, uma erva e um bom R&B. Como um dançarino à procura de um par ali nossos olhos se encontravam. Eu me perdia naquele olhar; parecia estar à procura de um tesouro perdido. Era incrível haver tanta doçura em um corpo robusto como o dele.

Candinho era um daqueles caras lindos, em todos os sentidos. Seu corpo parecia ser esculpido por algum deus. Carregava a beleza dos orixás, afinal sua pele e sua timidez eram capazes de incendiar todos à sua volta, como a força de um encantamento. Ele me provocava isso, e não somente a mim.

Seduzia inconscientemente todos que o rodeavam. Até eu que costumava ser um cara seguro me sentia enciumado às vezes, tamanha a cara de pau das pessoas ao dar em cima dele. Ele não compreendia a força que tinha. Talvez fosse isso que me encantava, ele ser tão desatento à sua força sedutora. Candinho era uma máquina complexa que funcionava sincronicamente em suas imperfeições, sendo exatamente perfeita por isso. Uma força do universo. Um tango preciso e bem conduzido. Podia ver isso, pois naquela noite saímos pelas ruas da Lapa à procura de mais movimento para nossos corpos embebedados.

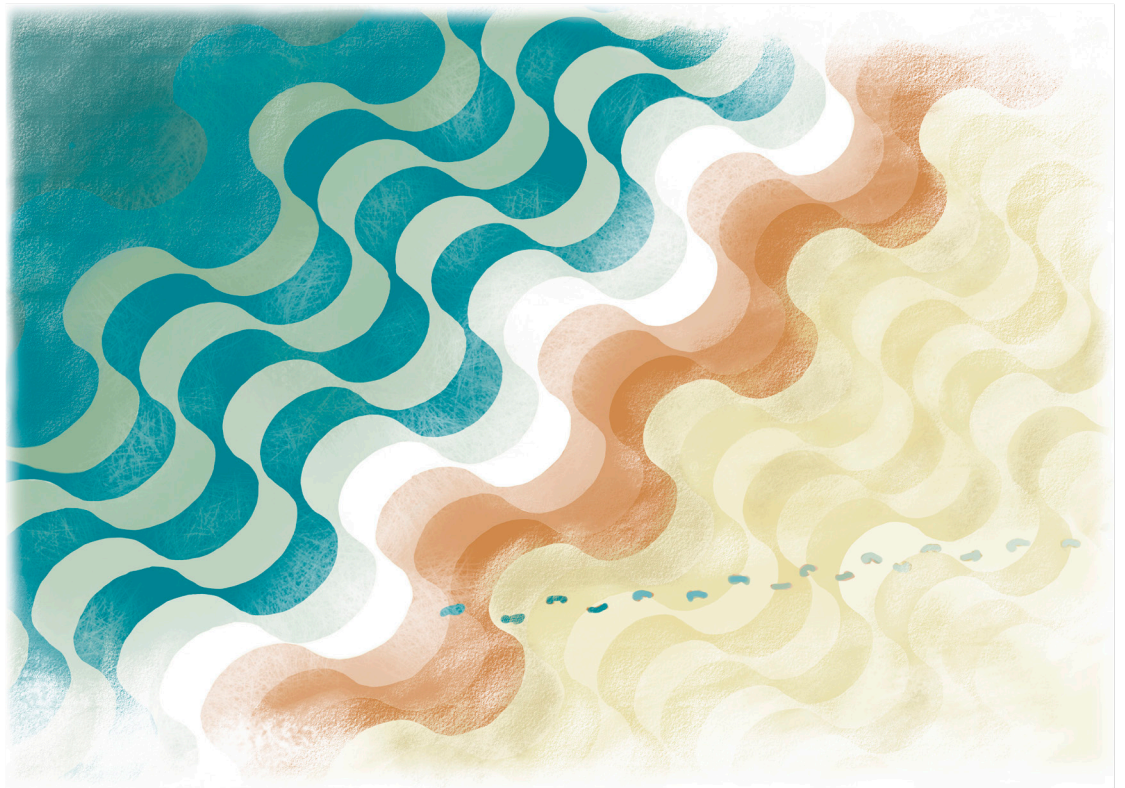
Acalentando nossas faces o sol anunciava outro dia. Quando percebi lá estava eu adormecido, emaranhado àquela enorme estrutura física. Levantei-me e conduzi meu corpo a minha rotina diária. Quando voltei, ele ainda estava adormecido. E novamente lá estava eu... entregue, enchendo-o de mimos.

Candinho era um desses caras grandes que amavam ser tratados como príncipe, adorava um conto de fadas. Era incrível como voltávamos a nos falar como se nada tivesse acontecido. E sempre era assim, intenso. Ficávamos meses afastados, e lá estava eu dois dias dançando entre os lençóis em sua companhia. No entanto, mais tarde parecíamos evidenciar nossas disputas calorosamente em uma síncope rítmica.

Àquela altura meu corpo já clamava pelo dele. Estava ardendo de tesão, mas o vinho nos derrubou e novamente a estrela central que iluminava o planeta anunciava mais um domingo. Os nossos corpos pareciam um naquela manhã. Se regozijavam juntos em uma só carne. Como um bandoneonista habilidoso tocava-me. Espasmos revelavam a força que emanava da sodomia. Conduzidos por uma turva paixão similar a um ritual pagão. Era a forma que escolhi de dizer adeus àquele deus do ébano que mais parecia disputar comigo o domínio daquela dança. Corpos nus emaranhados sob a mais fina camada solar num inverno quente

que somente o Rio podia proporcionar. Ele se foi. Na manhã seguinte Candinho embarcou para Londres, deixando-me na memória o tango que ensaiamos por três dias consecutivos.

Os compassos efetivaram o ritmo de distanciamento entre nós. Após a semibreve que parecia mais longa que nunca, meu telefone toca. Ao ouvir sua voz em um ritmo cadenciado, percebi que ainda o amava. Ele deixava em mim aquele sorriso bobo que só os apaixonados têm. Eu tão experiente, choquei-me com o fato de estar sendo levado a bailar. Naquela manhã ensolarada de julho minha fuga revelou-se falha.



O baile anunciava seu fim. O mundo já não era mais o mesmo, mas incrivelmente as manhãs deste fim de outono estavam mais lindas do que nunca. Um novo inverno anunciava sua chegada. Eis que o último sol do outono se pôs e as ondas continuavam ali, como as lembranças iam e voltavam. Não havia nada que pudesse apagar os momentos que vivi. Tudo que sei é que Candinho ainda rodeava meus pensamentos, mesmo após tanto tempo. O que podia eu fazer, senão aceitar o que sentia convivendo com as reminiscências que insistiam em aparecer.

Sobre o autor

Multifacetado, Jorruan é poeta, cantor e escritor. Natural do Rio de Janeiro, mas criado no interior do Espírito Santo, voltou ao Rio e se graduou em Letras: Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é mestrando no curso Interdisciplinar em Linguística Aplicada pela mesma universidade.